



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO ESTÉTICA COMO PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR ATRAVÉS DO PROJETO DE EDUCAÇÃO
ESTÉTICO-AMBIENTAL: “A COMPLEXIDADE DO SIMPLES ATO DE JOGAR
LIXO NO CHÃO DA ESCOLA”**

Aline Pinto Amorim¹
Daniele Barros Jardim²
Rejane Magano Souza³

RESUMO

O presente artigo aborda a experiência do Projeto de Educação Estético-Ambiental: “A complexidade do simples ato de jogar lixo no chão da escola”, como prática pedagógica possível no espaço escolar com base na Educação Ambiental e na Educação Estética. Idealizado e realizado por mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental- PPGA da Universidade Federal do Rio Grande- FURG o projeto visa ministrar uma modalidade de Educação Ambiental, baseada na promoção de valores estéticos presentes na natureza e nas relações sociais, evidenciando para os alunos a dimensão estética de suas atitudes frente ao ambiente físico e social, promovendo uma reflexão sobre a concepção integral de homem e de meio ambiente enquanto totalidade, com base numa metodologia que privilegia a participação criativa através de oficinas estéticas, sendo realizado no ano letivo de 2008, com adolescentes na faixa etária entre 14 e 18 anos, no Colégio Estadual Lemos Júnior, em Rio Grande/RS.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Educação Estética, Meio Ambiente.

¹ Pedagoga e Mestranda do PPG em Educação Ambiental – FURG. E-mail: aline.pinto@hotmail.com

² Pedagoga e Mestranda do PPG em Educação Ambiental – FURG. E-mail: daniele_bj@yahoo.com.br

³ Lic. em Letras e Mestranda do PPG em Educação Ambiental – FURG. E-mail: rejan Souza1980@yahoo.com.br

ABSTRACT

This paper discusses the experience in the project of aesthetic-environmental education: “The complexity on the simple act of throwing trash on the school’s floor”, as a possible pedagogical practice in the scholar space based on the environmental education and aesthetic education. Planned and accomplished by master’s degree students from of the post-graduation program Environmental Education from Universidade Federal do Rio Grande, the project intends to teach an environmental education modality based on the promotion of aesthetic values present in the nature and social relations. Highlighting to the students the aesthetic dimension of their acts towards the physical and social environment it promotes a reflexion about the concept of man and environment as one. The project was based on a methodology that encourages a creative participation through aesthetic workshops. These workshops were realized in 2008 with teenagers between fourteen and eighteen years old from Lemos Junior High School, Rio Grande/RS.

Keywords: Environmental Education, Aesthetic Education, Environment.

INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos nossa experiência mediante um projeto de extensão⁴ que tem sua gênese nas reflexões teóricas, sob a orientação do professor Pablo René Estévez⁵, que desenvolvemos na disciplina de Educação Estético-Ambiental e da realização de um Seminário sobre Educação Estética com base na Abordagem Sócio-Histórica proposto pela professora Susana Molon⁶, na disciplina de Abordagem Sócio-Histórica e Educação Ambiental, no primeiro semestre do ano letivo de 2008, do curso de Mestrado em Educação Ambiental- PPGA/FURG. Reflexões estas que foram unidas à prática pedagógica da mestrandia Aline Amorim como Agente Educacional Interação com o Educando no colégio Estadual Lemos Jr. (Rio Grande/RS), resultando como uma prática pedagógica possível no espaço escolar com base na Educação Ambiental e na Educação Estética.

Justificamos a escolha pela inclusão da educação estética num projeto de extensão de educação ambiental porque entendemos que esta contribui para o desenvolvimento de ações transformadoras na medida em que as atividades realizadas com base nesta perspectiva estética não passam sem deixar vestígios no comportamento, criando uma atitude sensível, ou seja, um novo olhar sobre o cotidiano vivenciado.

⁴ O Projeto de Educação Estético-Ambiental: “A complexidade do simples ato de jogar lixo no chão da escola” trata-se de um projeto de extensão vinculado à FURG, desenvolvido pelas referidas mestrandas durante o ano letivo de 2008, no Colégio Estadual Lemos Júnior, em Rio Grande/RS.

⁵ Professor cubano, Doutor em Ciências Filosóficas e professor visitante da Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

⁶ Professora Doutora, adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

Essas atitudes contribuem para o fundamento da reinvenção de novos modos de estar com os outros e consigo mesmo e com o planeta, reinvenção de sentidos para as práticas educativas e relações interpessoais; fortalecendo assim o desenvolvimento de ações transformadoras, as quais, visam à participação; à autonomia; o respeito; à emancipação; o diálogo; enfim, contribuindo para ações que possam se tornar alternativas na superação da crise sócio-ecológico-ambiental que vivenciamos, a qual se constitui o foco da educação ambiental.

Desse modo, o projeto configura-se como possibilidade para além da teoria que nós pesquisadores temos o compromisso de aprofundar no decorrer da nossa trajetória. Pois a ciência só existe e adquire sentido na e pela realidade vivenciada em nosso cotidiano enquanto seres múltiplos e responsáveis pelos nossos espaços.

Sem esquecer os problemas estruturais que nos afetam em todos os sentidos, em que grande parte são ocasionados pelo nosso cruel sistema econômico capitalista e pela corrupção existente em nosso sistema político- fatos estes mais do que divulgados na mídia- gostaríamos de lembrar que tudo isso não pode fazer com que deixemos de acreditar nas possibilidades que nós enquanto pessoas que acreditam e lutam por um mundo melhor temos de fazer a diferença, por menor que ela possa parecer diante de um mundo em crise.

Nesse sentido, o projeto visa ministrar uma modalidade de Educação Ambiental baseada na promoção de valores estéticos presentes na natureza e nas relações sociais, evidenciando para os alunos a dimensão estética de suas atitudes frente ao ambiente físico e social, promovendo uma reflexão sobre a concepção integral de homem e de meio ambiente enquanto totalidade.

Ao trabalhar a questão do ato de jogar lixo no chão da escola, como propõe o título do projeto, buscamos fazer esta abordagem de forma complexa tentando relacionar valores presentes na natureza⁷, ou seja, os aspectos relacionados aos problemas e impactos ambientais que o descuido com o lixo pode ocasionar ao meio ambiente evidenciando para os alunos tanto as questões vinculadas ao aspecto desagradável de uma escola suja (e numa perspectiva mais ampla de uma sociedade) quanto seria melhor conviver num ambiente mais limpo e agradável. O que posteriormente foi explicitado pelos próprios alunos durante a participação nas oficinas.

Através das relações sociais abordamos a questão da falta de reflexão sobre este ato de jogar lixo no chão que se torna algo naturalizado no cotidiano escolar; pois trabalhamos

⁷ Natureza entendida como totalidade de aspectos que formam o nosso ambiente, em nosso caso, o ambiente físico da escola em relação à sociedade como um todo.

valores vinculados à educação, à família, à alimentação, ao consumo, à coleta seletiva e reciclagem no decorrer das oficinas e sessões de vídeo previstas.

Antes de falarmos na estrutura do projeto, como objetivos e metodologia, consideramos importante explicitarmos brevemente nosso entendimento acerca dos principais eixos que norteiam a reflexão e a prática deste trabalho.

Educação Ambiental e a contribuição da prática pedagógica através de projetos

Inicialmente, sem entrarmos no mérito das diversas vertentes que compõem atualmente o campo da EA, é importante explicitarmos brevemente nosso entendimento acerca da concepção de meio ambiente e da própria educação ambiental.

Com relação ao meio ambiente, concordamos com a definição de Reigota como

[...]um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA, 2006, p. 21).

Esta concepção nos faz refletir sobre a totalidade que é o meio ambiente, não sendo restringido aos aspectos naturais, haja vista a atuação do homem através do trabalho e da tecnologia e também as próprias relações sociais.

Com relação à educação ambiental, o mesmo autor afirma que:

[...] deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. (REIGOTA, 2006, p. 10).

E é nesse sentido que a percebemos, como uma educação que considera o ambiente na sua totalidade, a interação entre ser humano e natureza, as relações sociais e sendo política no sentido de denunciar as relações de poder existentes neste sistema, o nosso papel de cidadãos e a responsabilidade que temos para com a sociedade, bem como nossos condicionamentos e limites. Oportunizando-nos uma reflexão acerca da crise sócio-ambiental que vivenciamos, a qual é fruto principalmente da racionalidade do mercado que prioriza o lucro possibilitado através do consumismo desenfreado de bens e serviços em detrimento da qualidade de vida das pessoas e da sustentabilidade do nosso planeta.

Logo, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA – Lei nº 9.795/1999) no art. 1º entende por educação ambiental *os processos por meio dos quais o indivíduo e a*

coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente. Sendo em seguida no art. 2º considerada como um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

E assim incumbe a responsabilidade do desenvolvimento da EA às instituições educativas, aos meios de comunicação, às empresas, às entidades de classe e à sociedade como um todo.

Os princípios básicos da EA conforme Art. 4º da PNEA são:

- I- o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II- a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III- o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV- a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V- a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI- a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII- a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII- o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Dentre os objetivos que são dispostos no Art. 5º, destacamos o primeiro que preza pelo *desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos.*

Outro aspecto da PNEA que evidenciamos refere-se ao §1º do Art.10 o qual diz que *a educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.*

Anterior a PNEA temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados pelo MEC, que propõem temas transversais a serem trabalhados pelas diversas áreas do conhecimento tendo em vista que sua inclusão no currículo escolar é necessária diante dos problemas urgentes da vida social.

A transversalidade aponta a complexidade do real e a necessidade de considerar a teia de relações entre os seus diferentes e contraditórios aspectos. Assim a problemática dos temas transversais atravessa diversas áreas do conhecimento não sendo suficiente que um tema seja estudado por somente uma disciplina. Onde as orientações apontam para a urgência de se

fazer um trabalho pedagógico que contemple as questões da vida cotidiana do aluno como cidadão e discuta a polêmica em torno da crise ambiental que vivenciamos.

Considerando que a PNEA não recomenda a inclusão da EA como disciplina específica no currículo escolar e a convergência com a proposta de transversalidade dos PCNs para a temática ambiental, apontamos com uma alternativa viável para a inserção da EA na educação formal básica o trabalho realizado por meio de projetos.

De acordo com a pesquisa do MEC – *O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental?* - a modalidade de projetos vem sendo atualmente muito utilizada por educadores de todas as regiões brasileiras para desenvolver EA nas escolas. E nesse sentido, consideramos viável o desenvolvimento de projetos em EA no âmbito escolar a fim de fomentar as práticas a fim de promover a ampla participação dos alunos de forma criativa.

Com relação aos projetos na EA Rosa afirma o seguinte:

Interpretamos a idéia de “projetos escolares em educação ambiental” como uma iniciativa educativa que busca possibilitar vivências, reflexões, aprendizagens, geração de conhecimentos e fortalecimento do trabalho coletivo, a partir do planejamento e ação perante um problema, tema ou situação socioambiental. (ROSA, 2007, p. 277)

O mesmo autor afirma que a tendência maior ao sucesso se dá quando os educadores têm clareza dos seus objetivos educacionais e dos caminhos a serem percorridos. Também apontando potencialidades e dificuldades do trabalho com projetos sendo as principais potencialidades:

- torna o processo educativo mais significativo, estimulando que educandos e educadores assumam-se como sujeitos dos processos educativo e social;
- contribui para aumentar o envolvimento, a responsabilidade, a autonomia e a auto estima dos participantes;
- estimula a inovação, a quebra da monotonia e o exercício da criatividade na ação educacional;
- possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências específicas relacionadas à atuação por meio de projetos e ao enfrentamento de problemas concretos tais como: planejamento; diagnóstico e análise de situações; trabalho em equipe; tomada de decisões; criatividade e organização;
- estimula leituras interdisciplinares e a colaboração entre os educadores;
- amplia a percepção quanto à complexidade, dinamicidade, multiplicidade de escalas e incertezas da realidade, contribuindo para o aumento da criticidade;
- possibilita a sistematização de saberes e a geração de conhecimentos locais.

Considerando as potencialidades do trabalho com projetos podemos perceber que esta metodologia se articula com os princípios da EA e permite uma abordagem da educação estética como veremos a seguir.

Educação Ambiental e Educação Estética: necessidade e viabilidade

Somando-se à concepção de Educação Ambiental buscamos fundamentos na Educação Estética como possibilidade de alicerçar teoricamente a nossa prática através de atividades que levem os alunos a refletirem de forma prazerosa e criativa sobre questões complexas e, paradoxalmente, banais no cotidiano deles.

A Estética tem sentido originário na palavra *aisthesis* a qual significa *sensibilidade*, e basea-se no experimento sensorial e significativo do ser humano, como um canal de acesso à aquisição de conhecimento. Esta é concretizada durante uma inter-relação, entre sujeito e objeto, ambos entendidos como parte constitutiva da realidade sociocultural mais ampla.

A Educação Estética pode ser assumida como uma postura diante da vida, caracterizada pela consciência de sua dimensão crítica que permite a interpretação e a internalização dos significados dos gestos.

Segundo Estévez (2003), as bases teóricas da Educação Estética se fundam em valores socialistas, implicando a formação de um “homem novo”, isto é, de pessoas capazes de atitudes estéticas, críticas e criadoras nas relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade. Segundo o filósofo, professor e escritor cubano Pablo Estévez a educação estética traz a possibilidade de incitar à atividade bela e criadora em todas as relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade (ESTÉVEZ, 2003, p.51). Em sua fundamentação, esta reafirma algumas idéias marxista-leninistas como premissa a necessidade de superação de velhos paradigmas (ESTEVEZ, 2003).

Portanto, acreditamos que a Educação Ambiental aliada a Educação Estética seja um caminho para a sensibilidade, além de uma necessidade para que se desenvolva um aprendizado fundamentado a partir dos interesses dos alunos pertencentes a este contexto escolar. Esperamos por parte destes que estas aprendizagens e reflexões não se limitem a escola e que façam parte de suas vidas como um todo. Mediante a educação estética provocada pelas ações que se realizaram que os alunos possam revalorizar à Educação Ambiental como elemento essencial de educação humanista e integradora.

Deste modo consideramos pertinente um projeto que vincule Educação Ambiental e Educação estética, pois essa relação é considerada a mediação essencial do sujeito com o

mundo num processo de desenvolvimento humano. Tendo em vista que a educação estética tem influência sobre a formação das convicções e da própria concepção de mundo, projetando as normas sociais no mundo psicológico-emocional do sujeito.

A relação com a Abordagem Sócio-Histórica

Apontamos também os principais pressupostos da Abordagem Sócio-histórica analisados por Molon (2003) sendo: a constituição do homem pelo trabalho, a gênese e natureza social da consciência, a origem social das funções psicológicas superiores e a atividade humana mediada socialmente e produtora de significados; como pressupostos que vêm ao encontro das reflexões propostas neste trabalho e para o entendimento acerca da educação ambiental e estética que buscamos desenvolver.

A abordagem sócio-histórica apresenta uma nova maneira de entender a relação entre sujeito e sociedade no processo de construção de seu conhecimento, e a linguagem é a ferramenta psicológica mais importante nesse processo de mediação. Conhecemos muito bem a função comunicativa da linguagem, a qual nos permite vivenciar um processo de interlocução como nossos alunos, entretanto essa não é a única função da linguagem, pois ela permite ao homem formular conceitos, abstrair e também generalizar a realidades, através das atividades mentais superiores.

Dentro dessa perspectiva é necessário compreender que o significado da palavra transforma-se ao longo do nosso desenvolvimento, o significado da palavra evolui, visto que integra novos sentidos, novas condições, logo nosso intuito com tal projeto, fazer como que os alunos tenham outra percepção sobre o meio ambiente e as relações que os cercam, ou seja, imprimam um significado e retornem o apreendido para a sua realidade. Para Vigotsky (1987, p:129) “um pensamento é como uma nuvem descarregando uma chuva de palavras”.

Vygotsky tornou-se o principal nome da abordagem sócio-histórica, a qual concebe o sujeito socialmente inserido em um meio historicamente construído, imerso em uma cultura, o meio se constitui em uma fonte inesgotável de conhecimento, sendo assim a cultura torna-se parte integrante da natureza de cada ser humano.

O autor russo afirma que construir conhecimento decorre de uma ação partilhada, que implica um processo de mediação entre os diversos sujeitos, dessa maneira a interação social é condição indispensável para a aprendizagem. A diversidade dos grupos enriquece o diálogo, a cooperação, a autonomia, informação, ampliando as capacidades individuais. Assim, a partir

dessa mediação com o outro é que nos apropriamos dos modos de comportamento e da cultura, que representam a história da humanidade.

Enfim, a escola tem como função educar para transformar a si mesmo e à sociedade contrariamente aos preceitos das perspectivas tradicionais de ensino, então um verdadeiro ato educacional para alcançar seu verdadeiro objetivo de formar cidadãos críticos, autônomos, e competentes, não pode se limitar a uma simples transmissão de conhecimento.

Para Vygotsky (2001), “os problemas da educação se resolverão quando se resolverem as questões da vida. A vida só se tornará criação quando libertar-se das formas sociais que mutilam, quando for um ritual estético, quando surgir de um arroubo criador luminoso e consciente.”

O que se almeja é uma sociedade baseada na equidade, na justiça, na igualdade e na cooperação, ou seja, em valores estéticos, os quais assegurem uma melhor qualidade de vida a todos os indivíduos. Urge que tenhamos visão em uma mudança de mentalidade, onde todos participem da construção desse novo modo de ser e estar no mundo.

Assim, ao utilizarmos os pressupostos da educação ambiental desenvolvida através de projetos, fundamentada na educação estética e com as contribuições da abordagem sócio-histórica, visamos às possibilidades de mudança no olhar dos discentes a partir das mediações realizadas. Pois consideramos que o olhar estético é crítico, visto que se atribui a possibilidade de elevar nossa capacidade de surpresa ante o cotidiano e então, esse olhar de estranhamento típico da percepção estética é uma das maneiras de o sujeito refletir e desta forma ampliar seu arcabouço criativo. Desse modo permite reconhecer a realidade como polissêmica e multifacetada, criando a possibilidade de ver sob outro olhar a sociedade na qual se encontra inserido, percebendo aspectos desta antes não evidenciados.

Esta potencialidade da educação estética permite-nos dizer que ela tem a propriedade de atuar no nível das relações intersubjetivas e configura-se como fator importante no processo de constituição do sujeito, de sua visão de mundo e pode ser um meio muito importante na formação integral dos alunos. Por isso, precisamos atentar para a qualidade das relações, pois só é possível reconhecer a potência criadora que afirma o ser humano enquanto humanidade através das relações estéticas e sensíveis.

Na escola, assim como em outros contextos que produzem as relações “outro-eu-outro”, há possibilidades de construir contextos nos quais seja possível o deslocamento para o estético, em que os sentidos encontram um lugar podendo ser apropriados e possibilitando a (re) invenção das relações com outros e consigo mesmo.

Para Vygotsky “ensinar o ato criador da arte é impossível, entretanto isso não significa, em absoluto, que o educador não pode contribuir para sua formação e manifestação” (VYGOTSKY, 1999, p.31). E Estévez complementa que “[...] a mais efetiva forma de educar esteticamente o estudante só se consegue inserindo-o em um processo criativo” (ESTÉVEZ, 2003, p.73). A criação está em toda e qualquer dimensão da existência humana, pois é a potência do homem comum.

Assim, baseadas nestas concepções é que construímos a proposta metodológica do projeto.

1 O PROJETO, SEUS OBJETIVOS E METODOLOGIA

O contexto escolhido foi o Colégio Estadual Lemos Júnior, pelo motivo de que uma das mestrandas trabalha nesta escola e identificou a necessidade e relevância do projeto neste ambiente, tendo em vista que o mesmo fica localizado na zona central da cidade do Rio Grande/RS, oferecendo o ensino de nível Médio e o Curso Técnico em Meio Ambiente (com início da primeira turma em 2008), atendendo em torno de 1600 alunos no total.

Levando em conta o contexto referido acima, podemos dizer que se trata de um colégio de grande porte, o qual recebe alunos oriundos de vários bairros da cidade. Em relação à faixa etária, com exceção dos adultos que estudam no noturno, a maioria dos alunos são adolescentes numa faixa entre os 14 e 18 anos.

Um dos principais problemas enfrentados pela instituição, e que se constitui um dos focos deste projeto, é o descaso com o ambiente físico da escola, por mais que a direção se empenhe em manter o ambiente limpo e conservado, percebemos que os alunos não colaboram e ainda sujam e destroem o seu próprio patrimônio que é público, e, portanto será utilizado por outras pessoas futuramente.

Os alunos jogam muito lixo no chão das salas de aula, nos corredores e no pátio. Também riscam bastante as paredes e classes. Além disso, atitudes de desrespeito para com colegas e professores são freqüentemente observadas.

Freqüentemente há quebra de vidros, pois as janelas são abertas e não são fechadas por quem as abriu, embora haja uma trava para evitar a batida, a simples atitude de colocá-la não é tomada.

Este descaso é o nosso principal alvo de atuação, pois consideramos que se não forem trabalhados valores ambientais e estéticos dificilmente os alunos enquanto coletivo atentarão para estas questões, que não são muito exploradas no currículo escolar, nem na mídia e talvez,

muito menos na família. Um descaso que parece permear grande parte das escolas públicas brasileiras conforme a afirmação de Duarte Jr. de que em termos de instalações e espaço físico da escola,

Sua deterioração é tão notória e costumaz que não precisa ser aqui evidenciada. Prédios derruídos, espaços tomados pelo lixo e pela sujeira, equipamentos precários, feios e improvisados, enfim, um ambiente que não pode senão produzir experiências sensíveis desagradáveis, constitui o quadro da educação entre nós. Assim, lembrando a famosa frase de McLuhan, segundo a qual “o meio é a mensagem”, a mensagem que nossos educandos estão diariamente recebendo em seu ambiente escolar é a de exaltação ao lixo e à fealdade, à insensibilidade e ao entorpecimento dos sentidos. Como se ali, a fim de se “aprender o que realmente interessa” (conceitos e cálculos abstratos), a realidade concreta ao redor necessitasse ser colocada entre parênteses: feche os olhos à sujeira espalhada, às paredes imundas e mal-conservadas, tape o nariz ao mau cheiro dos banheiros e apenas pense – talvez num platônico mundo das formas perfeitas! Situação que só pode gerar um círculo vicioso, na medida em que para todos, alunos, funcionários e professores, viver num local feio e agressor aos sentidos torna-se algo “natural”, produzindo, mais e mais, uma dessensibilização e uma regressão de sua dimensão sensível. (DUARTE JR., 2006, p. 186)

Nesse sentido partimos da dimensão do meio ambiente físico da escola a fim de possibilitar a emergência de uma reflexão com base em valores estéticos para que os mesmos possam compreender e desenvolver uma visão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações (aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos sociais, econômicos, científicos, culturais, éticos e estéticos).

Através de uma metodologia baseada em oficinas estéticas, que possibilitam a reflexão, participação e integração dos alunos e de acordo com o contexto são abordados diversos assuntos pertinentes como: a conservação do ambiente escolar levando em conta que se trata de um espaço público pertencente à comunidade, o questionamento acerca de atitudes como o ato egoísta de jogar lixo pelo chão da própria sala de aula e demais dependências do colégio, a inviabilidade da escola poder investir em coisas reivindicadas pelos alunos haja vista o gasto “desnecessário” que se tem em manutenção durante todo o ano letivo, ocasionado pela destruição dos próprios alunos, etc. Entre outros, estes questionamentos dão margem ao debate sobre as relações sociais, ética e a percepção estética objetivada no projeto.

Nosso objetivo é ministrar uma modalidade de Educação Ambiental baseada na promoção de valores estéticos presentes na natureza e nas relações sociais - especialmente no ambiente das dependências do Colégio Estadual Lemos Júnior – evidenciando para os alunos a dimensão estética de suas atitudes frente ao ambiente físico e social, promovendo uma reflexão sobre a concepção integral de homem e de meio ambiente enquanto totalidade.

Enquanto, os objetivos específicos são:

- promover junto aos alunos uma reflexão acerca do significado de meio-ambiente que eles concebem e, se for o caso, conduzir uma ressignificação a partir das suas concepções tendo em vista a concepção de meio ambiente enquanto totalidade;
- promover junto aos alunos a reflexão sobre as suas relações sociais locais considerando o contexto do colégio, incluindo suas relações com colegas, professores e com o próprio colégio (no sentido material e simbólico);
- promover a melhoria da valorização e conservação do ambiente escolar;
- contribuir para o processo de valorização e pertencimento dos alunos ao ambiente escolar como bem público e de grande importância para o coletivo;
- fortalecer os laços de afetividade entre os sujeitos a partir de um trabalho coletivo e de colaboração mútua entre alunos, turmas e turnos; envolvendo toda a escola.

A Metodologia do projeto se dá através do desenvolvimento de oficinas estéticas com todas as turmas do turno da tarde, agregando conhecimentos e valores da Educação Ambiental fundamentados na educação estética.

São previstas ainda atividades múltiplas como: discussões temáticas; sessão de vídeos; construção coletiva de cartazes com conceitos, princípios e valores para serem divulgados na escola; divulgação do projeto pelos próprios alunos; construção de um *blog*, etc.

Dessa forma pretendemos educar conhecimentos, sentimentos e pontos de vista e assim considerar os educandos como seres integrais, vistos na sua totalidade, tanto através de questões políticas, biológicas, semióticas e afetivas como nos aspectos sociais, culturais e históricos, através das oficinas.

As oficinas estéticas são compreendidas como argumento pedagógico, como reflexão da relação entre teoria e prática, possibilitando também um meio de construção do conhecimento, através da criatividade humana.

Inicialmente tivemos o seguinte Plano de Ação em aplicação a partir da 2^a quinzena do mês de julho de 2008:

- 1) realização de oficinas estéticas com todas as turmas do turno da tarde;
- 2) de cada turma do turno da tarde é construída uma comissão de alunos voluntários que é responsável por defender e divulgar os princípios construídos na sua turma para a turma correspondente que estuda na sua sala no turno da manhã;

- 3) no turno da noite é apresentado o projeto para a turma do curso Técnico em Meio Ambiente, da qual será construída uma comissão de alunos voluntários que é responsável por defender e divulgar os princípios construídos nas turmas da tarde para todas as turmas do turno da noite;
- 4) realização de sessão de vídeo com as 14 turmas envolvidas, abordando os temas relacionados ao lixo, coleta seletiva, reciclagem e educação alimentar;
- 5) após estas atividades há avaliação do projeto e são traçadas novas estratégias de acompanhamento e continuidade das ações.

2 A PRIMEIRA OFICINA ESTÉTICA

Na primeira oficina realizada, planejamos uma atividade que abordasse a questão do meio ambiente, questões relacionadas à cultura, aos hábitos de cada um, à família, às relações sociais, à ética e a estética vinculando diretamente ao contexto do colégio, para que houvesse sentido e também para incitar à participação ativa dos alunos.

1ª atividade: construção coletiva da turma de um conceito de meio ambiente.

Neste primeiro momento solicitamos aos alunos que escrevessem individualmente o seu entendimento de meio ambiente e nos entregassem num papel (não era obrigatório identificar-se). Em seguida lemos o conceito de cada um em voz alta e paralelamente colocando no quadro sob a forma de tópicos as idéias que iam surgindo. Logo após propomos a construção coletiva da turma de um conceito de meio ambiente contemplando as idéias de todos.

Baseadas na concepção de meio ambiente enquanto totalidade composta das interações entre ser humano e natureza e das relações sociais, iniciamos a discussão sobre o significado de meio ambiente construído na turma e quando era o caso conduzíamos a fim de reforçar o aspecto relacionado às relações sociais que às vezes era relegado.

Este primeiro momento já conduzia a participação de todos, principalmente no momento da construção coletiva do conceito que se dá de forma oral e também avisado previamente que seria colocado num cartaz que ficaria visível na sala.

E também possibilitava olhar para escola com um espaço coletivo, um ambiente do qual eles fazem parte e pelo qual também são responsáveis.

2ª atividade: levantamento das necessidades e desejos dos alunos em relação ao ambiente escolar.

Neste segundo momento perguntamos aos alunos o que eles gostariam que fosse melhor na escola em termos físicos ou pedagógicos e anotamos para ser passado à direção posteriormente.

Já partindo das reivindicações dos alunos é possível fazer o contraponto com aquilo que eles não possuem (ou que está ruim e mal cuidado na escola) em virtude do próprio descuido deles. Porém isso não é dito de forma generalizada, sempre ressaltando que existem alunos que se importam e que valorizam. Também sendo ressaltado que muitas coisas não são feitas propositalmente e sim porque não há uma reflexão sobre a importância da ação de cada um, bem como sobre suas conseqüências.

3ª atividade: exposição dos gastos da escola com manutenção.

Neste terceiro momento trabalhamos com uma tabela de gastos do colégio de um quadrimestre onde dos aproximadamente R\$ 14.000,00 gastos em serviços, materiais e manutenção, aproximadamente R\$ 4.500,00 referiam-se a materiais e serviços gastos em reparos ocasionados pela destruição ou mau uso de mobiliário e dependências do colégio, incluindo reparos nos banheiros, reparos nas pinturas de sala e corredores, reposição de vidros quebrados, conserto de fechaduras e computadores do laboratório de informática, entre outros. Tivemos o cuidado de, junto à Agente Financeira do colégio, separar na tabela somente estes gastos que se referiam à falta de cuidado dos alunos, excluindo os gastos referentes a reposições de materiais e serviços necessários e normais ao andamento da escola.

Também expomos o custo de coisas básicas e de freqüente destruição como o custo dos vidros, de classes e cadeiras, entre outros.

Este momento é bastante interessante, pois em todas as turmas os alunos ouvem atentamente, questionam e até se espantam com valores e com atitudes de alguns colegas quando falamos nos entupimentos propositalmente dos vasos sanitários, na destruição das caixas de descarga, dos canos do banheiro, dos riscos de pincel atômico nas paredes e o custo que isso gera, entre outros. Também apontam, na forma de brincadeira, aquele colega que risca na classe, que destrói a fechadura, etc.

Colocamos também algumas situações estruturais que independem da direção da escola como, por exemplo, a realização de obras de reparo no prédio que é centenário e já está com muitos problemas. Para isso, é necessária uma inspeção por engenheiros da Secretaria Estadual de Educação, e a execução da obra por parte do governo do Estado.

A falta de material para laboratórios de física, química, biologia e material para educação física também é atribuída em parte ao gasto desnecessário com manutenção, pois a escola precisa dividir a verba que recebe para tudo isso e enquanto houverem gastos

desnecessários, é um dinheiro que está indo fora e que poderia ser investido em prol deles mesmos sob a forma de materiais pedagógicos.

Também se faz uma discussão sobre o lixo jogado na sala de aula e no pátio, orientando-os sobre a quantidade de funcionários que a escola dispõem para limpeza que são dois no turno da manhã, dois no turno da tarde e um no turno da noite. Realidade que não equivale a dois serventes por turno, significando que não há possibilidade de todos os pisos serem limpos durante os três turnos, visto que são usadas em torno de 18 salas pela manhã, 14 à tarde e 9 durante a noite, além das demais dependências e banheiros. Seria desumano que a direção os atribuísse a um servente a limpeza de três pisos por três vezes ao dia, ao passo que muita sujeira poderia ser evitada pelo simples ato de cada aluno colocar seu lixo produzido na lixeira. Ato que para nós parece óbvio, mas qualquer profissional da área da educação, sobretudo da rede pública de educação básica, conhece a realidade das “bolinhas de papel” espalhadas nas salas de aula e das embalagens de chips, balas, pirulitos e latinhas de refrigerante jogados no pátio durante o período de intervalo.

Problematizar o lixo é muito além de uma questão simples e às vezes cansativa para quem trabalha com educação ambiental, é também refletir sobre educação, cultura, atitudes e principalmente ética nas relações.

É um momento de extrema importância para se fazer a relação entre aquilo que eles almejam para se sentirem bem na escola e aquilo que eles precisam modificar em termos de atitude para alcançarem estes ideais. Ou seja, a responsabilidade que eles também têm com este espaço escolar, onde tudo o que acontece é uma dinâmica das relações entre direção, professores, alunos e a sociedade em geral.

4ª atividade: confecção de cartaz.

Neste quarto momento propomos a confecção de um cartaz com o conceito de meio ambiente construído pela turma e com atitudes que consideram pertinente manter ou mudar para com o seu ambiente escolar da sala de aula e demais dependências do colégio, também com relação a colegas, professores, etc.

Durante esta atividade também convidamos aqueles que quiserem integrar uma comissão da turma para irem durante o turno da manhã conversar com a turma que estuda na sua sala, divulgando as idéias discutidas no projeto e solicitando a colaboração no sentido de manterem posturas que venham ao encontro do proposto por aquela turma durante a oficina.

Este é um meio que vimos como possibilidade de envolver todos os turnos já que não dispomos de horário disponível para atuar em todos os turnos, também escolhemos alunos de

1º ano porque são os que têm mais tempo para conviverem neste espaço e com os quais podemos dar continuidade no trabalho integrando no próximo ano letivo as novas turmas.

5ª atividade: ambientação estética

Esta é a última atividade do projeto e consiste numa visita por todos os ambientes do colégio que não são comumente usados pelos alunos como: laboratórios, anfiteatro, sala de projeção, salão nobre e por fim o depósito onde ficam guardados os materiais destruídos (principalmente classes e cadeiras escolares).

Cada turma visita os espaços de acordo com o que já conhece ou não e durante a visita é evidenciado a importância daqueles ambientes para aprendizagem, também se reflete sobre o porquê de muitas vezes não serem usados que muitas vezes é ou por falta de material ou por receio dos professores com relação ao comportamento dos alunos.

Este momento reflete a alegria dos alunos em estarem conhecendo a escola, pois muitos são egressos de escolas pequenas de ensino fundamental de diversos bairros da cidade, então para eles estarem numa escola com três andares e com diversos espaços é uma experiência nova e desse modo procuramos canalizar este momento para o resgate de valores e o sentimento de pertencimento dos mesmos ao ambiente escolar.

3 ALGUMAS PERSPECTIVAS DE IMPACTO

Em pleno andamento do projeto e após a realização da primeira oficina com todas as turmas de 1º ano do turno da tarde podemos já tecer algumas considerações e iniciar um processo de avaliação e prospecção de continuidade das ações do projeto para o corrente ano letivo e sua possível inclusão no Projeto Político Pedagógico da escola ou futuras aplicações em outros contextos. Portanto cabe sintetizá-las aqui:

- satisfação e alegria dos alunos ao conhecerem todos os ambientes do colégio após a ambientação estética realizada durante a oficina onde os mesmos tinham oportunidade de conhecer os diversos ambientes disponíveis para eles próprios;
- esclarecimento aos alunos acerca de questões estruturais como a obra do ginásio esportivo que ainda não foi efetivamente entregue à comunidade e que depende da direção;
- levantamento das necessidades e interesses dos alunos;

- exposição dos gastos desnecessários que poderiam ser investidos em materiais para os próprios alunos fazendo a relação entre o que eles gostariam e o que deixam de ter em função do descuido (ex: material de educação física, banheiros mais limpos e conservados, salas mais limpas, mais uso dos laboratórios através da compra de material pedagógico);
- trabalho coletivo desde a reflexão até a multiplicação do projeto pelos alunos;
- problematização acerca do lixo jogado no chão e mobiliário danificado X observações dos alunos.
- atitude criativa por parte de alguns alunos no sentido de conservar o ambiente e denunciar às atitudes destrutivas realizadas por alguns colegas (participação política) no retorno das férias de inverno, após o colégio ter sido pintado e reparado.
- motivação e envolvimento por parte de alguns professores e funcionários nas ações do projeto.

Outra questão que gostaríamos de destacar é a receptividade dos alunos com a temática ambiental em questão, sendo que houve bastante interesse e participação espontânea nas diversas atividades propostas nesta primeira oficina.

Isso reforça a nossa idéia de que eles precisam ser incitados a discutir sobre questões ambientais numa perspectiva mais ampla e prática e não apenas no sentido teórico que é visto na maioria das vezes pelas disciplinas curriculares como a biologia ou geografia, por exemplo, pois falar em ecossistemas, em poluição, em preservação ambiental, etc. parece ser algo diferente do que falar na sala de aula enquanto meio ambiente. Isso nós pudemos constatar em algumas turmas durante uma das atividades da oficina que era a criação coletiva de um conceito de meio ambiente.

Também surgiram discussões acerca de questões relacionadas às relações sociais entre professores e alunos, com relação ao respeito e até ao bom-humor durante as aulas. Em se tratando do trabalho com adolescentes, para nós é muito significativo quando este tipo de relação emerge naturalmente sem que precisemos abordar inicialmente, pois isso evidencia que para eles as questões relacionadas à afetividade e sensibilidade também são importantes no ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ambiental enquanto tema transversal acaba muitas vezes não sendo privilegiada nos currículos disciplinares, já repletos de conteúdos a serem cumpridos, portanto apostamos nesta modalidade em forma de projeto como uma possibilidade prática que realmente exerça influência positiva nos modos de pensar e agir dos alunos envolvidos tendo em vista a sua atuação como cidadãos que estão inseridos no contexto escolar, familiar e social como um todo. Ou seja, o que conseguirmos modificar em termos de comportamento com relação ao colégio poderá se refletir em toda a vida social do aluno.

Duarte Jr. nos chama atenção para o fato de estarmos vivenciando uma anestesia de nossos sentidos decorrente de uma crise da modernidade afirmando que

[...]o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida. (DUARTE JR, 2006, p.70)

Portanto os adolescentes de hoje vivem o auge desta crise, onde dispõe ou não de diversos entretenimentos e facilidades do mundo moderno, observadas as suas possibilidades de acesso; ao passo que convivem com a barbárie e inúmeros problemas que configuram uma crise sócio-ambiental incluindo as problemáticas: social, política, educacional, ética, entre outras; uma vez que, paralelamente às ameaças ao ecossistema físico, convivemos com problemas relacionados à saúde, à violência, à miséria, à fome, ao desemprego, entre outros.

Em se tratando de conhecimento, não podemos apostar em estratégias que deixem de levar em consideração o saber sensível voltando um olhar para as coisas que parecem naturais, mas que na verdade são produzidas historicamente pelo homem.

Desta forma, destacamos algumas contribuições com base na Abordagem sócio-histórica em relação à educação estética e o processo de constituição do sujeito onde Molon, fundamentada no seu estudo sobre a obra de Vygotsky afirma que “a questão estética está presente na sua obra como um todo, na sua proposta de Psicologia e de Educação e na sua concepção de sujeito e subjetividade.” (MOLON, 2007, p. 121)

Pino, ao relacionar estética e semiótica, conclui que

O sentido estético perante as coisas só surge como tal nos grupos e nos indivíduos desses grupos porque essas coisas carregam um agregado de significação de valor estético que se “atualiza” quando essas coisas encontram quem as contemple, as pense, ou as deseje. Em outros termos, o sentido estético só emerge no encontro de alguém (sujeito) com alguém (outro sujeito) ou com algo (objeto). (PINO, 2007, p. 115)

Nesse sentido, acreditamos e apostamos nesta “atualização” de valores estéticos, especialmente em nosso âmbito de atuação como educadoras ambientais, no espaço privilegiado da escola na qual, de acordo com Zanella (2006, p. 36) “as salas de aula são lócus de constituição de múltiplas características dos sujeitos em relação”. Sendo assim constitui-se um meio, obviamente não o único e nem sem uma relação de interdependência de todo o sistema político e econômico que o contextualiza, de atuação no sentido de proporcionar uma formação voltada para o desenvolvimento integral dos alunos, com vistas a mudanças de atitude em relação à natureza, a si mesmo e aos outros.

Para finalizar, cabe uma citação de Molon em defesa de uma educação estética no sentido de que

A educação estética visa ao desenvolvimento do homem integral, à constituição do sujeito criativo e volitivo, pois ela é a possibilidade de um sentido estético e ético, que articula razão e sensibilidade à existência cotidiana, na qual a vontade de transformação pessoal e coletiva e a formação dessa vontade sejam um desejo e uma experiência cultural e histórica [...]. (MOLON, 2007, p. 129)

Assim, acreditamos que a reflexão ambiental e estética proposta no projeto, proporciona aos alunos reflexões sobre a capacidade criativa e sensível do ser humano, podendo constituir-se uma possibilidade de ressignificação dos nossos modos de ser no mundo e das nossas relações com os outros e com o nosso ambiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

BRASIL. **O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental.** Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUARTE JR., João Francisco. *O sentido dos sentidos – a educação (do) sensível.* Curitiba: Criar Edições, 2006.

ESTÉVEZ, Pablo René. *A educação estética: experiências da escola cubana.* São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

MOLON, Susana Inês. Constituição do sujeito volitivo e criativo: educação estética em Vygotsky. In: ZANELLA, Andréa Vieira (Org.). *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

MOLON, Susana Inês. *Subjetividade e constituição do Sujeito em Vygotsky*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PINO, Angel. *Educação estética do sentimento e processo civilizador: um ensaio sobre estética e semiótica*. In: ZANELLA, Andréa Vieira. et al (Orgs.). *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação Ambiental*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROSA, Antonio Vitor. **Projetos em Educação Ambiental**. In: FERRARO, Luiz Antonio Júnior (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivo educadores*. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007, vol 2.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. *Pensamento e Linguagem*. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZANELLA, Andréa Vieira. “Pode até ser flor se flor parece a quem o diga”: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito. In: DA ROS, Silvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira (Orgs.). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.